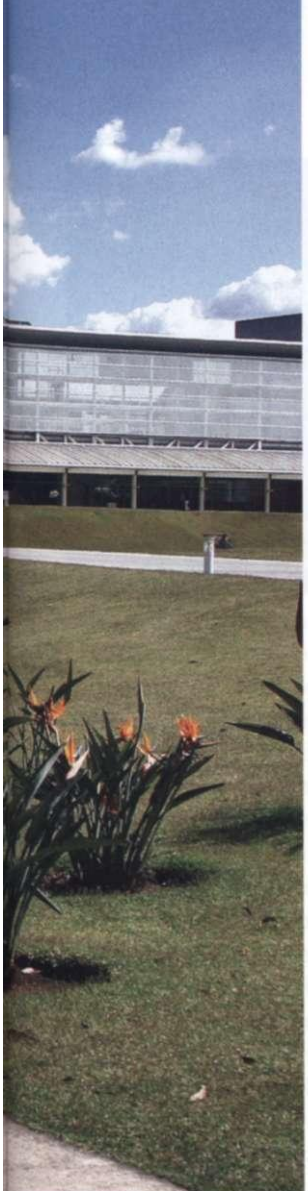
NA TRILHA sustentável

Cinco companhias brasileiras conquistaram boas posições no ranking de sustentabilidade Global 100, que elenca as empresas mais "verdes" do mundo. Organizações que realmente se preocupam em cuidar dos impactos socioambientais estão assumindo a vanguarda dos negócios.

Por **Renata Valério de Mesquita e Ricardo Arnt**

A utilização deste conteúdo é exclusiva para fins educacionais.



A sede da Natura, em Cajamar, em São Paulo. Há dois anos consecutivos a empresa mantém o segundo lugar entre as 100 empresas mais verdes do mundo, segundo o ranking Global 100.

Não dá para negar uma ponta de satisfação ao ver cinco empresas brasileiras entre a elite das 100 companhias que se destacam pela sustentabilidade nos negócios no ranking Global 100. Na última edição de 2013, a Natura, fabricante de cosméticos em São Paulo, conquistou o segundo lugar, logo atrás da metalúrgica belga Umicore, a campeã mundial. Entre as 100 empresas mais "verdes" ainda figuram as brasileiras: Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), em 43ª lugar; a mineradora Vale, em 49ª; o Grupo Pão de Açúcar, em 74ª, e o Banco do Brasil, fechando a lista, em 100ª lugar.

Criado em 2005 pela consultoria canadense Corporate Knights, o ranking Global 100 é apresentado anualmente no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça. Em 2010, três empresas nacionais conquistaram posições na lista pela primeira vez: o Bradesco pegou a 94ª colocação, a Petrobras a 96ª e a Natura a 99ª. As três companhias repetiram a performance nos anos seguintes, mas a Natura deu um show: subiu de 66ª, em 2011, para o segundo lugar, em 2012 e novamente conquistou o segundo lugar em 2013.

O executivo-chefe da Corporate Knights, Toby Heaps, credita o bom desempenho brasileiro a dois fatores: à expansão da lista inicial de 2 mil para 4 mil empresas, e à melhoria nas informações publicadas pelas empresas sobre a performance financeira e as ações socioambientais. "O Brasil é um dos BRICS dinâmicos, um país economicamente emergente que vem despontando como líder na área de sustentabilidade, provavelmente pelo seu desenvolvimento econômico estar muito atrelado à bioeconomia e aos recursos naturais", comenta Heaps.

O ranking Global 100 elenca grandes empresas que faturam mais de US$ 2 bilhões por ano. Os quesitos analisados inicialmente são quatro: uso de energia, emissões de gás carbônico, inovação e segurança. Depois, as finalistas são reclassificadas por 12 indicadores: produção de energia, emissão de carbono, emissão de resíduos, uso da água, capacidade de inovação (pesquisa e desenvolvimento), rotatividade de funcionários, remuneração dos executivos e média das remunerações gerais, planos de pensão, impostos pagos, performance em segurança, promoção da diversidade de gênero na liderança e metas de sustentabilidade associadas aos bônus dos executivos. Sem dúvida, trata-se de uma grade exigente.

Boas intenções

Com bom desempenho nos quatro quesitos da primeira etapa, e também nos indicadores de segurança e de inovação, a Natura se manteve no segundo lugar pelo segundo ano consecutivo. "Com uma abordagem transversal na organização, a busca da sustentabilidade é um componente relevante desde o planejamento estratégico, passando pela definição de indicadores e metas, embasando ações de educação para colaboradores e outros públicos de relacionamento, além de estar atrelado às análises de desempenho e de remuneração da liderança", salienta a diretora de sustentabilidade, Denise Alves.

Enquanto a maior fabricante de cosméticos do país busca obter matéria-prima de forma sustentável, a poderosa Vale constituiu-se com um extrativismo mineral distante da preservação ambiental. Mas a partir das críticas que recebeu e da expansão global crescente por mercados exigentes, passou a apostar na reabilitação de áreas e no reflorestamento, em projetos sociais comunitários, em reúso de água e em tecnologias diferenciadas, como o processamento do minério de ferro à umidade natural.

"A Vale promove a gestão responsável das questões econômicas, ambientais e sociais, de forma integrada", afirma Vania Somavilla, diretora de RH, Saúde, Segurança, Sustentabilidade e Energia. "Queremos que nossos negócios, em particular as operações de mineração, produzam riquezas locais, regionais e globais, e também deixem um legado positivo ao longo do ciclo de vida dos empreendimentos. Para tanto, realizamos ações empresariais voluntárias e em parceria com governos, instituições públicas, outras empresas e a sociedade civil."

O grupo varejista Pão de Açúcar, por sua vez, encara a sua rede como um agente de transformação e de engajamento social. "Estamos na

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

A Vale escava uma montanha de ferro na Amazônia e exporta todo o minério pelo trem mais longo do mundo, na Estrada de Ferro Carajás.

ponta das relações de consumo, conectando clientes, produtos e serviços. Queremos fazer isso sob bases sustentáveis. É do nosso interesse trazer a discussão sobre sustentabilidade para o dia a dia do consumidor, oferecendo meios para que ele comece a mudar de atitude", diz José Roberto Tambasco, presidente de varejo alimentar do Grupo.

O Banco do Brasil também aposta no potencial de 120 mil funcionários espalhados pelo país. "Temos vasta influência em famílias, círculos sociais, clubes, sindicatos e comunidades. Somos um exército que pode se engajar com o tema da sustentabilidade e da cidadania", diz Robson Rocha, vice-presidente de pessoas e desenvolvimento sustentável. Dez anos atrás, o setor de sustentabilidade não existia no banco. Hoje, atravessa todas as áreas.

A preocupação com a "pegada ecológica" das agências já registrou, em média, 20% de redução no consumo de energia, revela Rodrigo Nogueira, gerente-geral de desenvolvimento sustentável. Além disso, o Banco do Brasil restringiu a concessão de crédito a empresas envolvidas com desmatamento ou emprego de mão de obra análoga à escrava, investe na preservação de água e mantém mais de 100 parcerias com cooperativas de catadores de lixo, oferecendo inclusão financeira e microcrédito a esse público.

Já a Cemig possui tradição em política ambiental em Minas Gerais, uma vez que promove alagamentos para a implantação de hidrelétricas há 50 anos. Em 1976, a estatal já contava com uma gerência de meio ambiente encarregada de desenvolver a criação de peixes em reservatórios. Ricardo Prata Camargos, gerente de responsabilidade social e ambiental, afirma que a companhia já nasceu com a diretriz, embora o termo sustentabilidade tenha entrado em pauta apenas em 1998.

O executivo atribui a boa performance da Cemig e o lugar conquistado no Global 100 ao seu relatório anual integrado, que reúne em um só os relatórios de sustentabilidade e do Pacto Global do ano, auditado por uma terceira parte. A estatal também realiza Inventário de Gases de Efeito Estufa e faz relatório de ris-

"As empresas estão de fato entendendo que o tema sustentabilidade interfere positivamente na geração de receita"

Gláucia Térreo

Denise Alves, da Natura.

Vania Somavilla, da Vale.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Este artigo é exclusiva para fins e

cos e oportunidades em mudanças climáticas. "Sendo mais sustentável, a empresa será mais rentável. A boa postura diminui o risco para o investidor, porque para ser sustentável a empresa precisa ser gerida com ética, responsabilidade social e ambiental", ressalta.

Maquiagem verde

Independentemente da boa performance das empresas brasileiras no Global 100, é grande o ceticismo com os rankings de sustentabilidade. Nos últimos anos, a moda de elencar "melhores e piores" de toda espécie virou mania. Além disso, sabe-se que o anunciado engajamento social e ambiental nem sempre cumpre o que promete. Enquanto alguns executivos realmente se dedicam, estudam o tema e implementam mudanças, muitas empresas usam os relatórios para alardear publicidade e marketing. Todas falam mais do que fazem.

"Tenho visto muitos relatórios de maquiagem verde, mas as cinco empresas brasileiras listadas no ranking estão trabalhando a sério. A posição que alcançaram decorre de um grande trabalho interno em cada uma delas", afirma Gláucia Térreo, diretora para o Brasil da organização não governamental Global Reporting Initiative (GRI).

Mais do que promover relatórios, a GRI estabelece princípios e indicadores aos quais as organizações podem recorrer para medir e comunicar seu desempenho econômico, ambiental e social. Seus parâmetros são adotados em outros rankings nacionais e internacionais, assim como os indicadores do Dow Jones Sustainability Index orientam investidores sobre 350 empresas com ações na bolsa de Nova York. As brasileiras Natura, Cemig, Vale e Banco do Brasil integram o Dow Jones. Fundos que se baseiam em empresas do índice DJSI já movimentam US$ 6 bilhões em investimentos.

Seguindo a tendência mundial, em 2005 a BM&FBovespa criou o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), que analisa o desempenho corporativo em eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa. Embora possuam metodologias diferentes, tanto o Dow Jones quanto o ISE avaliam empresas a partir de questionários respondidos pelas próprias e da análise de informações publicadas na mídia.

José Tambasco, do Pão de Açúcar.

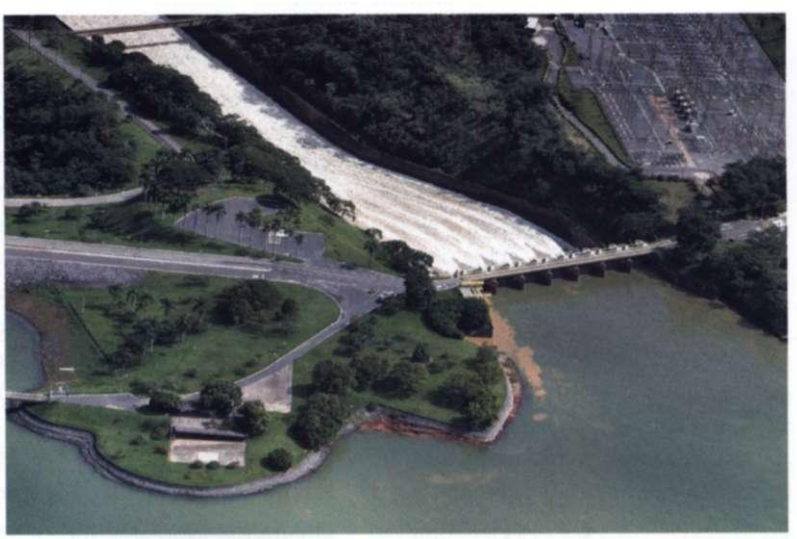
Robson Rocha, do Banco do Brasil.

Já o ranking Global 100 não trabalha com questionários. Ao não se restringir a empresas autodeclaradas sustentáveis, o levantamento traz resultados inusitados, como uma companhia siderúrgica em primeiro lugar. Mas basta um olhar mais atento para entender a classificação.

Atualmente, de 30% a 80% da matéria-prima consumida pela campeã Umicore provém de reciclagem. Além disso, a empresa belga desenvolve tecnologias próprias para reaproveitar metais altamente tóxicos, como o lítio. Está realmente na vanguarda do setor siderúrgico.

"Vejo essa movimentação com muito otimismo. As empresas estão de fato entendendo que o tema sustentabilidade interfere positivamente na geração de receita", ressalta Gláucia Térreo, da GRI.

Abaixo, a poderosa hidrelétrica de Três Marias, da Cemig, que inundou 1.040 quilômetros quadrados de terras nas margens do Rio São Francisco, em 1962.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Autorização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: Planeta, São Paulo, ano 41, n. 487, p. 22-25, maio 2013.